Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

CARTOGRAFIA SOCIAL DO BAIXO TOCANTINS ATÉ SUA FOZ NO RIO PARÁ, AO SUL DA ILHA DE MARAJÓ: POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA ROTA DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS, NO PARÁ

BOLETIM INFORMATIVO

4

Boletim Informativo **Edição** Setembro 2019

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

COORDENAÇÃO GERAL
Patrícia Maria Portela Nunes (PPGCSPA/UEMA)
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGCSPA/UEMA)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)
Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

Agencia Financiadora: Climate and Land Use Alliance - CLUA

COORDENAÇÃO DE PESQUISA DESTE BOLETIM: Eliana Teles

EQUIPE DE PESQUISA:
DilMayko Marinho Freitas
Eliana Teles
Elielson Pereira da Silva
Gilson Junior Moraes Cunha
Juliane Gomes de Souza
Lorena da Cruz Vilhena
Marcelle Di Paula da Costa
Nelson Ramos Bastos,Lobato
Renato Carvalho Barros
Thiago Vilhena
Thiago Alan G. Sabino.

EDIÇÃO E REDAÇÃO: Eliana Teles
COLABORAÇÃO: Elielson P. da Silva

FOTOGRAFIAS:
Elielson Pereira da Silva
Eliana Teles
Renato Carvalho Barros
Nelson Ramos Bastos
Marinês de Maria Ribeiro Rodrigues

CARTOGRAFIA:
Guilherme Jorge Teles Rodrigues
Thiago M. Vilhena

TRANSCRIÇÃO:
Claudiana Foro Dias
Eliana Teles
Gilson Junior Moraes Cunha
Juliane Gomes de Souza
Marcelle Di Paula da Costa Lobato
Nelson Ramos Bastos

CAPA/PROJETO GRÁFICO: Murana Arenillas

Apoio logístico: Eriki Aleixo

Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

PARTICIPANTES DAS OFICINAS:

Dil Mayko Marinho Freitas
Dil Lércio M. Freitas
Jocivane Cardoso de Oliveira
Maria do Perpetuo Socorro Cardoso de Oliveira
Pedro de Alcântara Freitas
Lilia Alcântara Assunção
Andreia Cavalheiro
Angela Maria da Costa
Antônio Azevedo da Costa
Cleonice
Dilvane Assunção
José Antônio Monteiro Baía
Manoel de Souza Alves
Manoel Santana
Orlandina Amaral
Orlandino Amaral
Amiraldo Costa Figueiredo
Raimunda de Jesus A. Baía
Amantino Soares Baía
Ita Conceição
Maria Inês de Souza Costa
Maria da Silva
Márcia Trindade
Maria Marcela Silva da Costa
Maria de Lourdes Rocha
Raimundo Carlos
Maria Domingas da Costa Sarges
Clodoaldo Santos
Rosa Maria Pereira
Jairlei dos Santos
Rosicléia Silva Ferreira
Rosalina dos Santos Teles
Edilson da Conceição Correa C. da Costa
João Assunção dos Santos
Pedro Alcântara
Sandra Barbosa
José Alexandre
Rayane Azevedo Rodrigues
Zózima S. Ribeiro

PARCERIAS:
Associação Agroextrativista PAE Santo Afonso, São José do Igarapé Vilar.

Associação de Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba-ARQUIA

FOTO DE CAPA: oficina de cartografia realizada em de julho de 2019 com Ribeirinhos e pescadores do PAE Santo Afonso, Ilha Xingu.

FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua foz no Rio Pará, ao sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades tradicionais na rota dos grandes empreendimentos no Pará. – N. 4 (setembro. 2019). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.
Coordenação da Pesquisa deste boletim: Eliana Teles

ISSN: 2675-2263

1.Grandes empreendimentos. 2. Conflitos. 3. Amazônia. I. Título.

RIBEIRINHOS E COMUNITÁRIOS DOPROJETO AGROEXTRATIVISTA- PAESANTO AFONSO (ILHA XINGU)

A Identidade Ribeirinha

"Aqui todos nós somos ribeirinhos e ser ribeirinho não é nada fácil. É ter que lutar todo dia por uma nova vida, porque a gente sai pra pescar e não sabe se volta pra casa. É tá na luta com nossos companheiros aqui, pra viver. Somos tudo um pouco né, é assim: somos pescadores, carpinteiro, calafate, agricultor. Aqui todos se conhecem assim né, é a nossa vida. Pra gente pegar o seguro o meu documento é tudo de pescador, pra pegar o fomento do INCRA eu sou ribeirinho, assim vamos levando. Porque, eu digo, temos de correr atrás dos nossos direitos, se não a gente morre sem nada aqui no Xingu. Agora querem fazer este porto dessa firma americana aqui, isso vai atrapalhar tudo a gente aqui, vai acabar com a maior parte da população. Essa terra aqui tá tudo comprado, essa parte dali, está tudo vendido, já não é mais do pessoal do Xingu. Essa terra que a empresa comprou aqui é muito grande chega lá no Piri,e é por esse Piri que nós temos lutando! Tem muita gente revoltada aqui, até eu estou revoltado, porque eles falaram que vão tomar conta do Piri. Não podem tomarem conta, essa empresa não pode meterem a mão lá na área que não pertence a eles. A área do Piri pertence ao povo de dentro do Xingu aqui, porque tem muitas pessoas que necessitam de lá. Na época do verão o cara vai lá com uma rede de lancear pegar a boia dele lá, se eles meterem a mão e fecharem o Piri, vai haver muito conflito, com a gente aqui, eles tão tomando conta de tudo que é terra aqui e o Piri já está no meio das terras que eles querem aqui."

Ribeirinhos, pescadores e pescadoras da comunidade Vilar,ilha Xingu, município de Abaetetuba.

(José Antônio Monteiro Baía)

SER PESCADOR, SER PESCADORA

"Pescador significa ser uma honra pra mim, era o meu sonho desde criancinha, eu realizei meu sonho porque hoje eu sou pescador, mas não quero isso pros meus filhos, quero que eles estude e sejam umas pessoas melhores de que eu, porque a pesca é pra gente se manter, mas já tá pouco, não dá como dava antes. Eu fico triste, do pessoal que não tá na luta, mas é por falta de conhecimento, espero que eles vem pra se juntar a nós, porque perder um patrimônio desse, não tem como recuperar."

(Manoel de Souza Alves)

"Aqui a gente vive é assim: é dezoito dias de pesca, doze dias de roça, fazemos tudo aqui, não somos só pescador, porque aqui no rio lutamos por nossa condição de vida, estamos aqui em um assentamento do INCRA, já conseguimos casa, credito pra pesca, pra agricultura, pra comprar até matapi, porque cada um ribeirinho aqui, ele não colhe só da pesca, entendeu? Tem o açaizal, ele vai fazer um pedaço de roça pra ele se manter da farinha, vai tirar a mandioca pra fazer a farinha dele. Ele depende daquele ramo que ele tá. Esse companheiro ai, é pescador, mas também é carpinteiro ele tem que trabalhar três dias, quatro dias para o outro, porque o carpinteiro faz parte do pescador, porque ele faz a canoa do pescador, o calafate faz parte do pescador, porque ele calafeta a canoa do pescador é assim é que é, mas nós não temos mas direitos aqui, estamos sendo consumido com isso, é essa parte pra nós que tá faltando, sermos considerados, respeitados né, pelas autoridades do nosso País, eles podiam olhar pra nós, por causa da devastação que trazem pra nós né, a agente não sabe de nada, mas somos abrangidos e ninguém vê, só na época do voto que somos visto, mas os problemas estão aqui né, só esperamos por Deus mesmo."

(José Antônio Monteiro Baía)

"Vão acabar com a natureza do fundo"

"São impactos que eles colocam pelo fundo debaixo de nossas vistas. O projeto deles é assim: um compra e depois passa pra outro que tem mais dinheiro.Vão acabar com a natureza do fundo!"

(Manoel Santana)

"Nós estamos com problemas até na água, antes não tinha essa doença de dor no estomago, de ferida pelo corpo, não tinha grande quantidade de disenteria nas crianças, agora até nos adulto é muita doença. A gente vai tomar nosso banho no igarapé e ficamos cheio de coceira pelo corpo, tem gente até morrendo. Nós acha que pode ser por causa desses negócios que jogam dos navios na água, aparece muito peixe morto pelas beiradas, tem muito óleo na água, esses bois que afundaram com o navio no porto lá do Conde, é tudo isso. Também desse produto lá do Conde que deixa a água toda avermelhada, vem muita espuma na maré que sai de lá direto pra cá. Olhe, estamos bem na frente dessas fábricas lá de Barcarena, quando a maré, traz tudo que não presta, vem direto pra cá. Nós não sabemos, ninguém fala nada. Quando ficamos sabendo já aconteceu, como foi o alagamento do navio dos bois, ficamos só com o prejuízo, não podemos comer mais os camarão, os peixes, dizem que tá tudo contaminado também, e a gente aqui que depende da água da maré, como ficamos? Ficamos sem saber o que fazer, ninguém nos acode nessas horas, só Deus mesmo, estamos que nem anhinga n'água, só boiando, de um lado pro outro."

(Manoel Cavalheiro)

RECONHECIMENTO DO PROJETO AGROEXTRATIVISTA SANTO AFONSO PELO PROCESSO ADMINISTRATIVO N054100.002188/2004-63

"Existe uma portaria de criação do assentamento, existe um plano de utilização como se fosse um plano de uso, quando as comunidades se reuniram e decidiram o que podia e não podia, esse aqui é o plano que foi construído e inclusive existe uma publicação desse plano no diário oficial da união do dia 01 de outubro de 2007, o assentamento foi criado no final de 2005, esse plano é como se fosse um estatuto comunitário onde se define, se delimita ao que chamaram de recursos naturais, delimita o que pode e o que não pode. Pode criar búfalo? Por exemplo, que vai bagunçar com o quintal de todo mundo, pode ou não pode? Isso aqui vai dizer. Vou ler três itens para vocês.

- Item 2: "intervenções na pecuária".

- Item 39: "fica proibida a criação de animais de grande porte, bovinos e bubalinos, ou seja, boi e búfalos, com exceção feita aos senhores José Maria Baia, João Cordeiro e Manoel Trindade que possui um pequeno rebanho bovino no total de 37 cabeças, convive em harmonia com os habitantes da terra, com o meio ambiente, sendo vetada a ampliação do rebanho da pastagem". O Item 39 tem a intervenção no subsolo, proibido mineração.

- Item 43: "Fica proibida a instalação de empreendimentos industriais".

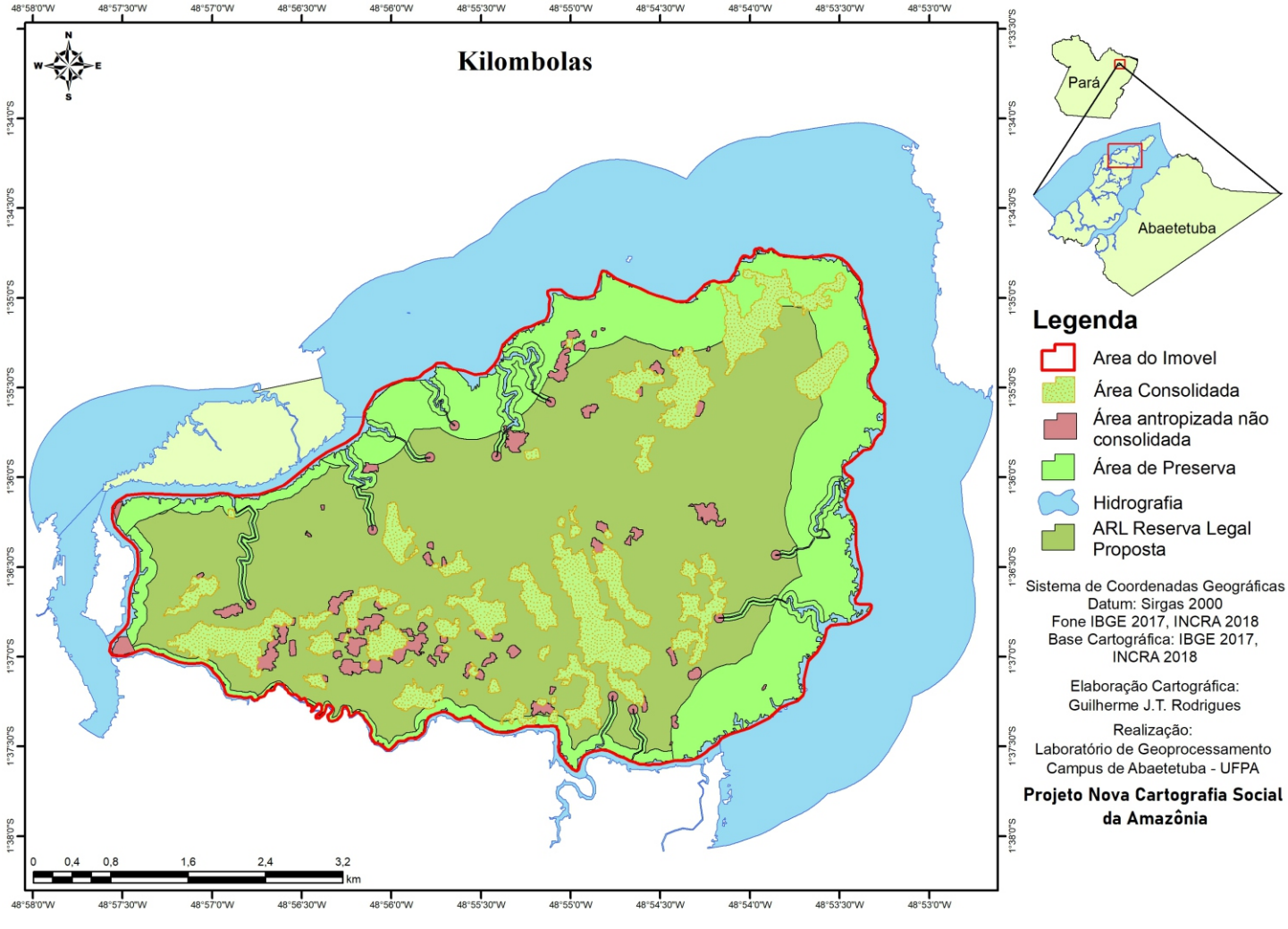
- Item 49: "A invasão ou o uso indevido dos recursos naturais da área por pessoas estranhas ao PAE Santo Afonso, será penalizado mediante sua expulsão da área, cabendo ao infrator indenizar todos os danos causados e pagar as muitas estabelecidas na legislação ambiental vigente".

Então aqui tem três itens que fazem referência à instalação de empreendimento, que não é nenhum empreendimento, mas um megaempreendimento econômico, industrial. Esse plano de utilização pode ser um instrumento a ser utilizado nesse processo de resistência do protocolo e tudo mais. O projeto de assentamento agroextrativista, os beneficiários desta política pública, não são famílias sem-terra, são pessoas que moram ali, ou seja, são povos e comunidades tradicionais. Porque se bem observar o que está dito na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, esta convenção é um instrumento que está dando todo o subsídio para o protocolo de consulta; é como um instrumento para fazer a resistência contra os megaprojetos que estão se instalando. Não existe só um projeto de assentamento agroextrativista em Abaetetuba, existe mais de 20, quase 30. Boa parte dessas comunidades estão dentro desses territórios que de alguma forma vão ser afetados, prejudicados pela instalação desses megaempreendimentos como a Cargill e outros. Então no meu ponto de vista, caberia estender a questão do protocolo não apenas para os territórios quilombolas; é somar forças no sentido de potencializar o processo de resistência, porque quando esses instrumentos foram criados, se teve o cuidado de caracterizar os territórios como tradicionais."

(Elielson Pereira da Silva)

PAE SANTO AFONSO - IDENTIFICAÇÃO DO IMÓVEL:	
Denominação:	ILHA XINGU
Área Informada pelo STR	2.336,0000 ha.
Área Medida (GPS)	2.705,6259 ha.
Área proposta para criação do PAE	2.705,6259 ha.
Módulo Fiscal do Município de Abaetetuba/Pa	70,00 ha.
N° de Módulos Fiscais da Área proposta	38,65
Fração Mínima de Parcelamento	3,00 ha.

Fonte: Incra- SR1- Belém, 2006



Fonte: INCRA, SR1-Belém, 2005.

O TEMPO ANTES E O CLIMA, HOJE

"Eu mesmo pesquei muito lá nesse Tauerá, lá na boca onde eu morei. Eu pesquei muito lá: é filhote, dourada, piaba, esse peixe nessa época dava muito, e aí vinha os outros peixes, nas praias; tainha, pescada e acará, essas coisas. Aquela arairi, que dava muito: um peixe gordo que só! Era nessa época. Agora não sei se ainda tem. Antes, botava rede pegava. Quando a gente ia pra fora, levava o espinhel e pegava.Botava o espinhel pra pegar os peixes que era peixe de osso: dourada, piaba...E assim a gente foi trabalhando, esse trabalho aí na praia. Matapi pra pegar o camarão? A gente pegava o camarão vendia, pra fazer a despesa da gente. Tinha o açaí também, que a gente tirava pra interá. Quando a gente conseguia o peixe, salgava, levava o camarão e o peixe salgado. Que nesse tempo não tinha gelo era só o sal. Tirava o camarão na praia, levava aquela quantia pra vender. Esse era o trabalho da gente. Pescava de linha de ponta, pescava pra pegar pescada. Quando a maré dava boa, pescava muito! Puxava muita pescada, puxava 60, 70 pescadas por maré."

(Manoel Santana)

"Quando teve o vazamento de óleo do navio atingiu todos nós aqui, teve pescador que perdeu rede, perdeu espinhel, perdeu tudo aqui. A gente puxava o espinhel e só vinha as placas de uma coisa preta que acabava com a nossa pescaria, se espalhava por toda a rede também, a gente ficava sem nada aqui, só mesmo com a dor e o prejuízo, não tinha pra onde correr e nem reclamar. Isso é muito cruel, ninguém nos dá nada aqui e ainda tiram o pouco que temos. Nós não recebemos nada de ninguém. [...] Teve várias pessoas que receberam esses recursos do navio, um negócio de um dinheiro aí, mas não caiu nada no nosso nome. [...] Isso é verdade, não vou negar: às vezes quem recebe não tem nada a ver com a gente, tem gente que nem mora na comunidade, mas recebe. Às vezes penso que a gente mesmo não tem nem direito né, aqui somos sacrificados de tudo que é maneira. Não é só pelos bois não, é pelos navios que ficam parados na baía e cortam nossa rede, e por produtos que eles jogam na água que a gente bebe, é pela fumaça das fábricas daí do Conde que joga veneno nos nossos olhos. O negócio é feio aqui, e ninguém fala nada."

(Manoel Santana)

"A gente também sofre é com problemas de pele, a poluição também na vista né, que muitas pessoas hoje, elas sofrem é com a visão. Dizem que é disso, de tanta poluição, que o vento vem né? É dor de cabeça é um monte de coisas que as pessoas estão sentindo, e a gente diz que pode ser disso, porque a gente vive num lugar, que não tinha tanta poluição de lixo. Só pode ser de uma empresa dessas né? A água, a gente sente. Até eu mesmo senti esses dias muita coceira na pele, queda de cabelo. Acredito que seja também disso né, a gente faz esses processos, mas tem pessoas que não fazem e cai o cabelo né, então a gente vê que a nossa água hoje, ninguém toma mais água do rio, antes a gente tomava água na beira do rio e hoje a gente não toma mais né, a gente ia pro igarapé que a gente tem lá na praia, a gente tomava água de lá e hoje a gente não pode mais tomar água de lá, está totalmente poluída. Antes era usada pra tudo aqui. Eu vejo com tristeza hoje assim. O rio é o nosso lar, é o nosso tudo, é da onde a gente sobrevive, é onde a gente mora. Acredito que seja assim tudo pra nós, é o nosso lugar, nossa sustentabilidade. A nossa ilha aqui ainda é uma área preservada por nós né, ainda temos muita coisa, algumas famílias daqui sobrevivem da caça, da coleta, da pesca diretamente assim né, tiram tudo da natureza mesmo, porque a gente ainda tem graças a Deus muita coisa. Além disso a várzea é nossa sustentabilidade, porque na baia é onde ainda tem o peixe né, ai pessoal vão lá pegar pra nossa sustentabilidade né, também pra eles conseguirem um financeiro. O rio serve pra gente se locomover pra cidade, pra gente ir pra nossas outras ilhas também, é muito importante pra nós. E hoje a gente vê que está sendo quase que destruído pelos navios, as balsas, que tão por ai, enfim um monte de coisas que estão nos prejudicando, tanto através das firmas lá do Conde, como também por nós mesmos. Por exemplo, nunca fizeram uma coleta de lixo aqui no nosso rio. Acredito que a prefeitura, os nossos representantes deveriam olhar pra isso, porque nós também somos gente, precisamos de uma coleta de lixo, porque assim como na cidade tem lixo aqui também tem. A gente não tem onde despejar o nosso lixo, a gente queima, mesmo assim a gente polui o nosso ar. [...] Agora eu penso que a construção do porto aqui no Xingu, só vai piorar a poluição e o aumento do lixo. Eu não sei se vai melhorar né, porque vai modificar ainda mais nosso modo de vida simples. Aqui não é tão calmo, mas a gente pode perceber que é diferente da cidade e a gente já está acostumada nisso. Pode vim uma melhoria, mas eu acredito que não venha melhorar pra gente que somos moradores."

(Andreia Cavalheiro)

"Antes a gente vivia tranqüilo ninguém mexia com a gente. Agora, veja bem, tão dizendo até que vão nos tirar daqui das nossas terras, que sempre vivemos aqui, mas se o povo daqui for ver, a gente não deixa. Esse rio aqui é nosso meio ambiente, nós aqui precisamos de tudo, precisamos da roça. Eu falo por minha parte né? Precisamos da pesca marítima de fora, do matapi na beira do rio, do espinhel na baía pra pegar o peixe. Eu pesco de rede grossa com malheiro número 24 e 18, eu pego um peixe, dois peixes para manter minha necessidade né? Vivo aqui. 32 anos atrás o Xingutinha tudo farto no rio e no mato, tinha paca, tatu, cutia, veado, porco do mato, mucura, tamanduá, quati, preguiça, macaco guariba, macaco prego, mico leão, camaleão, jacaré, bacu, filhote, dourada,mapará, tainha. Pegava 50 tainhas na rede: só numa redada, davapra comer a semana! Hoje não tem mais, acabou. O nosso meio ambiente acabou através da Hidrelétrica de Tucuruí e da Hydro e Alunorte do Conde. Depois que aquele navio sentou lá, eu conheço muita gente no Xingu que está passando fome. Dei duas redadas hoje, puxei e não viu nada com malheiro 30, dei duas redada hoje, não peguei um peixe, porque? De onde vem isso?"

(José Antônio Monteiro Baía)

"Olhe, durante a madrugada as fábricas lá no Conde, parece que estão trabalhando a todo vapor, é muita fumaça na baía que vem direto pra cá, é muita fumaça mesmo, só vendo, o vento que traz tudo,as águas trazem tudo o que presta e o que não presta. Olhe, nos últimos tempos estamos vendo o açaizal secar todas as folhas e o açaí estraga tudo, bem verdinho ainda. Os que agüentam, só dá para o nosso 'bébe' mesmo. Antigamente, a gente ia pescar na baía e não tinha nada disso. Agora não, a gente só falta fica cego lá fora de madrugada com essa fumaça que arde no olho, isso eu não tinha visto. É um negócio feio, só sentindo mesmo de madrugada quando vamos para baía pescar ou viaja pra cidade, dá um vento com tipo poeira que faz muita coceira nos nossos olhos e fica muito vermelho, chega embaça tudo na vista, não conseguimos nem vê direito. Até os camarões já não dá mais como dava antes, principalmente nas águas mortas. Está mudando o tempo todo, está sumindo, peixes como o bacu, o arairi, o caratai, a piranderá, o acará e outros tantos já não se vê mais. Acho que isto não está certo, porque se a água ainda fosse boa, não fosse poluída, acho que tinha bastante peixe ainda né?"

(Manoel Cavalheiro)

"Não secava açaí, não secava nada, agora tudo muito difícil de sobreviver aqui, porque a gente vive aqui da natureza, das coisas que a natureza e Deus nos dá. Porque o rio e o que tem nele é nossa fonte de renda, é de onde a gente vive, nós dependemos disso daqui, daqui nós tira o marisco nosso, camarão, o peixe, o açaí da arvore e a mandioca da roça."

(José Antônio Monteiro Baía)

"Até a bacaba, mesmo no inverno seca tudo, acho que o tempo tá ficando quente demais ou é essa fumaça que sai lá do Conde é que tá acabando tudo mesmo. Agora os pescadores vão pescar 4 horas da manhã e às 10 horas já estão de volta, nos saímos para nossa roça 5 horas da manhã e ficamos lá até umas 9 horas ou 10horas, porque está ficando tudo muito calor, tarde também só trabalhamos na roça quando o sol esfria, está mudando toda nossa vida aqui, mas a nossa vida é aqui, né?"

(Manoel Cavalheiro.)

Nº	TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO ASSACU	No. FAMILIAS
01	Assacu – Quilombola	200
02	Anhinga – Quilombola	12
03	Mar da Galileia – Quilombola	60
04	Boa Vista – Quilombola	18
05	Xinguzinho – Quilombola	09

Fonte: Dados de campo, compilados por Nelson Ramos Bastos, 2018.

Nº	COMUNIDADES RIBEIRINHAS	No. FAMILIAS
06	Santo Afonso	130
07	São José	45
08	Vilar	60
09	Curupuacá-Areia	18
10	Moju	09
11	Pacoval	13
12	Tauari	14

Fonte: Dados de campo, compilados por Nelson Ramos Bastos, 2018.

UM TERRITÓRIO DE USO COMUM

"Antes, tudo era de todos aqui, era comum né, que todo mundo tinha, fazia, trabalhava, tinha assim um cuidado. Nossos antigos tinham um cuidado de tratar, a gente vivia mesmo só da caça, do peixe, do camarão. A gente não comprava, não tinha hoje o que é comprado né. Era só, um doava pro outro, era tudo doado. Se eu não tinha comida, mas eu tinha farinha, a gente trocava, porque meu pai foi lavrador, a gente torrava, fazia muita farinha. Aí quando era nesse momento, a gente tinha o peixe, tinha o camarão, tinha tudo. Era açaí, era miriti, era caramujo, tudo a gente tinha. Hoje tá difícil! Tinha caça. O meu pai colocava a espingarda pegava um viado, dava pra nós comer a semana inteira. Tem o Piri ali: todo mundo ia lá, pegava peixe, era peixe graúdo! A pratinha um peixe redondo grande, que dava, era jiju, era tariera, mas era peixe graúdo. Não era miudinho como eles trazem daí. As plantas: a gente adoecia, era tomado chá. Era o leite dos paus que a gente tomava. Hoje não tem mas isso né. Nesse tempo pra mim, era um tempo muito bom, que que a gente vivia tranqüilo. Até em 1980 as coisas eram muito boa. Mudou, porque as coisas mudaram, hoje é tudo comprado, não tem mais aquilo, aquela união, não tem mais aquela coisa que a gente trocava as coisas. E se você não tiver o dinheiro você não come né. É difícil ter o camarão já é difícil. Se pega o peixe, uma caça é muito difícil já. A terra também pra cá ainda tem, ainda tem o miriti, tem o açaí, mas tem lugares que não tem. Tem a bacaba, tem as frutas que nós temos aqui. Eu acho que é uma preservação muito boa, bonita e boa. Que eu acho que isso não deveria ser destruída, mas com essa empresa Cargill aí, a gente, eu já estou sentindo que com certeza vai ser destruído isso."

(Raimunda de Jesus A. Baía)

"Para mim, que desde de criança vivemos com a nossa família da roça, e de tudo que tem aqui no rio. eu penso que o território aqui no Xingu é integral, pois contém tudo que precisamos para viver, temos a terra, a várzea, as águas, as festas, as igrejas, as escolas, os cultos, o território não é fragmento. O território não é só terra e água, para nós é vida, o território não é mercadoria, a gente tira o sustento das coisas que existe nele, eu vejo agora, empresas grandes como a Cargill, querendo comprar as terras aqui e se apossar de tudo que é nosso, até do Piri, que é onde nós e várias comunidades tiram seu alimento no verão. Eu vejo as pessoas da comunidade achando que o documento do SPU e do INCRA é garantia da terra, a maioria do povo que vive na comunidade está desinformado, estão perdendo seus direitos, mas estão acomodados. As nossas organizações sindicais estão desmobilizadas e sem trabalho de formação de base junto a seus representantes local: o STRRA, COLONIA Z -14, MORIVA, IGREJAS ... A Colônia Z -14, só serve para cobrar e fazer o seguro defeso, não se preocupa mais com as questões sociais e ambientais dos pescadores, está esquecendo que se acabar os peixes, acaba também o seguro defeso, eu tento fazer a minha parte, falando, mas ninguém quer ouvir a gente, eu só quero defender aquilo que é nosso, que é a nossa vida, sem nosso território, não temos vida, fica mais difícil nossa sobrevivência, pois precisamos nos manter juntos para não perder o que é nosso aqui."

(Orlandina Amaral)

"No meu pensamento, território é donde tá o peixe, o camarão, o açaizal, a nossa roça, as plantas, os rios, os animais, a casa do forno, a canoa, os poços da gapuia que a gente faz, as frutas, eu acho né? São as sementes das plantas, posso dizer, o lugar que moramos, o nosso fazer. É tudo isso. É donde tiramos nosso sustento, para nossa família e nossos filhos."

(Maria da Cuia)

"O lago Piri, é um Patrimônio absoluto! Primeira coisa, um patrimônio dos nossos ribeirinhos, dos povos do Xingu. É uma área de mata nativa, a gente vê que a população se beneficia desse lago, tem o benefício. Agora já não temos tanto como tinha antigamente, porque por exemplo, a questão do peixe que havia no lago antes, agora a gente já não pega quantidade como era antigamente, mas ainda existe. Mas só por motivo da gente vê que, ela é uma área de preservação. Então isso aí pra nós já é um motivo de preocupação, com relação agora, o empreendimento que tá acontecendo aqui na nossa região. Por aqui todos tem acesso ao lago Piri. Todas as famílias né, principalmente o lado da ilha Santo Afonso, que eles têm benefício, mas todas as outras localidades: Assacu, Igarapé Vilar, Igarapé Areia, Igarapé São José, Caripetuba, aqui o Xingu, também o Urubueua Fatima, todos eles têm acesso a essa região. Então é um patrimônio nosso, e isso aí faz com que a gente tenha uma, uma relação muito harmoniosa com essa área, que é o Piri. Sem contar coma questão ambiental, que tinha lá. Por exemplo, as árvores de madeira de lei, os animais que vivem dentro...Esse nosso bioma aí tudo tinha."

(Amiraldo Costa Figueiredo)

"Essa terra aqui ela é uma terra de plantio mesmo. Sei que a mandioca ela dá muito. Mandioca, milho, se vê como está lá né? A mandioca tem bem mandioca nessa terra. O milho também dá, aí perto da casa do forno, aquela roça que nós fizemos lá, deu bem milho lá. Aquela outra do menino lá em terra deu também. E assim aonde a gente faz o roçado, aí tem que queima, planta maniva, tem que queimar, porque não pode plantar no meio do cisco. Açaí não, açaí é, quanto mais terra, mato, folha de pau, galho, pau velho em cima da terra é estrumo pra ele. A maniva não, a maniva tem que limpar a terra pra plantar. A maniva, o milho, arroz, o feijão, o maxixe, melancia, o quiabo, [...] talvez seja pra nós um tesouro, porque nós nunca possuímos essa coisa aí, é uma coisa muito, muito útil e muito de valor pra gente. Porque você sai, por exemplo, pra derrubar uma árvore de pau, tira uma madeira, como mandei tira pra cá, pra essa ponte, faz a casa da gente, dá pra fazer o trabalho da gente. E quando a gente vai comprar, às vezes é uma madeira fraca, não é uma madeira forte, como tem aí nesse mato, tem muita madeira boa aí: sapucaia, sucupira, cupiuba e marupá, aí tem pé de marupá que só você vendo! Essa madeira, que é bom pra tábua, marupá, andiroba, cedro, angelim, pracuúba, piquiarana, cedro, maracatiara, pau mulato, pau d'arco, capuzeiro, porque nós, a gente não explora. A gente vai tirar aquele pau que tá maduro pra trabalhar aí, porque nós já temos do meio dia pra tarde. A gente já vai embora, mas tem os filhos, os netos, que tão preparando pra viver, pra também precisar dessa terra que está aí."

(Amantino Soares Baía)

"Que ainda é que o pessoal, tem uma visão, isso que é da natureza. E quando seca, vai muita gente lá pegar o peixe pra se alimentar. Lá tem até jacaré, muito mesmo, mas infelizmente a gente tá nessa sem saber que fazer. Porque os nossos governantes são os primeiros a darem o sim, sem comunicar a gente né, a gente não sabe de nada e tem muita gente pensando que essa empresa vai dá emprego, que vem trazer luz, tudo de bom pra eles. Porque, pra exemplo taí o Conde! O nosso Xingu é nossa vida aqui. Isso que é um paraíso pra gente. Sempre eu digo pra eles: nós temos num paraíso, que nós temos tudo, graças a deus né?Nós somos privilegiado, vamos defender nosso território! Sei que é um lugar onde viveram nossos pais e os pais de nossos pais, eles fizeram e deixaram isso pra nós, aqui. Nós se ajuntamos pra viver nossa vida, onde nós somos povo que se conhece um aos outros, todos, fazemos parte da nossa ilha! Nosso território é assim, é onde nós estamos morando.Que muitas vezes a gente não sabe, fala muito em território, mas pra mim, eu penso que seja um lugar onde tá vivendo, tirando o sustento para alimentar todos nós, com roça, criação, plantação, pescaria, caça, gapuia, manejo. Nós vivemos disso daqui assim."

(Raimunda de Jesus A. Baía)

Ribeirinhos e pescadores do PAE Santo Afonso, Ilha Xingu, após oficina de mapa em julho de 2019.

Pescadores no lago Piri no verão. Foto: Nelson Bastos, 2017.

OS PESQUEIROS AMEAÇADOS PELAS GRANDES EMBARCAÇÕES

PESQUEIROS DA ILHA XINGU (localizados entre o Furo do Capim e Baía do Marajó)		PESQUEIROS DA ILHA CAPIM (localizados entre o Furo e Baía do Capim até a Baía do Marajó)	
Nome dos pesqueiros	Tipo de peixes	Nome dos pesqueiros	Tipo de Pescado
Crua Grande	Barba chata, filhote, bacú, mapará,	Cacherinha	Pescada
Poço do Mauí	Sarda, dourada, filhote, mandií, mandobé e pescada	Cacherinha 02	Filhote
Pedra do Logico	Mapará, tainha, mandií	Seco de Barro	Mapará, Pescada e Sarda
Boca do Furo do Capim	Piranderá, pirapucu, tucunaré, tambaqui, pirarará e filhote	Rebujo	Mapará, Pescada, Sarda e Filhote
Gerevozo	Mapará, pescada, sarda	Capina	Pescada, Sarda e Mapará
Liboroca	Pescada, tainha, mandií	Seco do Marintuba	Mapará, Sarda
Porupuacá	Pescada, sarda, caratinga, filhote	Cavalo Marinho	Filhote e Dourada
Poço da pedra grande	Mandií, pescada, tainha	Quebra Pote	Filhote e Dourada
Cruinha	Pescada, sarda, bacú	Quebra Pote 02	
Bico de fora	Mapará, filhote, dourada, mandií, mandobé, piaba	Pesqueiro da Rama	Pescada
Pesqueiro do Jamico	Mandií, pescada, sarda	Pesqueiro Cruinha	Pescada, Piaba
Pesqueiro do Mandobé	Mandubé, sarda, bacú, acari	Estacamento	Pescada, Piaba
Poço pesqueiro da preguiça	Mandií, pescada, sarda, filhote	Angélico	Mapará e Sarda
Pesqueiro da pontinha	Pescada, sarda, mandií	Caratiçaua	Pescada
Pesqueiro da boia	Sarda, dourada	Bacia	Sarda
Pesqueiro Rodrigues	Bacú, acari, pescada	Madalena	Pescada e Sarda
Ciriubá	Pescada, mandií, sarda, filhote	Mangueirinha	Pescada, Sarda, Mapará e Piaba
		Poção	Pescada, Sarda, Piaba, Dourada
		Pesqueiro da Boia	Pescada, Sarda, Piaba, Dourada
		Pesqueiro do julho	Pescada, Sarda, Piaba, Mandubé e
		Pesqueiro do Mundico	Pescada, Sarda
		Pesqueiro do Zidório	Pescada, Sarda, Piaba, Dourada e Filhote
		Tachí	Pescada, Sarda, Mandubé, Mapará, Filhote e Dourada
		Crua do Furo	Pescada Sarda, Mandubé e Piaba
		Berço	Filhote e Piraíba
		Pesqueiro Rodrigues	Pescada, Sarda e Piaba
		Rebujo	Pescada, Sarda, Piaba e Mandubé
		Pesqueiro do Pato	Pescada e Mapará
		Crua Grande	Pescada, Sarda, Mapará, Mandubé, Piaba e Piraíba
		Furo	Sarda Pescada, Mapará e Filhote

Fonte: Pescadores entrevistados durante oficina nas ilhas Capim e Xingu, 2019.

COMUNITÁRIOS DO IGARAPÉ SÃO JOSÉ: CERCAMENTO E PRIVAÇÃO DE ÁGUA POTÁVEL

"Aqui o nosso rio é nossa vida, é nossa rua e nossa vida, sem ele nós não somos nada. É por onde a gente navega, de onde nós tiramos o nosso sustento. E a terra de várzea é onde nos cultivamos o que vem ampliar o nosso sustento, é por exemplo, o açaí, que aqui a maior produção que a gente trabalha mais é o açaí. Em área de várzea não dá para fazer roça, plantar mandioca, o único que dá é o açaí, então a gente planta o açaí que é o meio de sobrevivência e também de ampliar o sustento da família. Mesmo com as questões aqui da Hydro e da Alunorte, a gente tem uma perda na produção do açaí com a poluição do ar, os resíduos que vem dá muita seca é muita seca mesmo! A gente sobe é só pra jogar o cacho de lá, e sem contar também a questão daquilo que já falei, a escassez que está sendo do nosso peixe. Esse ano a gente percebeu a escassez do camarão. Nós temos uma estância de pesca né, matapi, rede, mas este ano, sinceramente! De todos os anos, a gente pescava, porque a gente não pesca pra vender, pesca pro alimento, mas a gente arriava o matapi vinha aquelas ovinhas de camarão, a gente tinha que soltar de novo. Esse ano, a gente viu que a escassez do camarão foi visível. Agora com tudo isso ainda estão querendo construir um porto aqui na nossa comunidade, inclusive a empresa Cargill já mandou cercar uma área grande da nossa comunidade, pegando a parte alta onde as pessoas fazem suas roças, querem fazer estradas no meio da nossa várzea. Aqui vai ficar enfileirado de navios como é no Conde, aí que não vai mais sobrar nem peixe, e nem o camarão."

(Maria Inês de Souza Costa)

"Aqui a gente vive depende de viver, primeiramente de Deus e depois do fruto que Deus dá, que é o peixe e o açaí. A gente vive disso aí que Deus deixou pra gente. Só que a partir que foi aplicado essa empresa ai em Barcarena, muita coisa está falhando pra gente aqui, o açaí principalmente o peixe, que a gente vive disso, antes de implantarem essa empresa ai, num tempo desse, se tinha muito açaí, muito peixe, agora, muita falha de tudo isso. O açaí, a gente olha na árvore já não vê mais, já não tem mais nem pro cara beber, o açaí quando dá, seca tudo na árvore, a maioria seca, a maioria cai da árvore tudo, aí já não tem mais, já não é como era antigamente. Na água, até a água que você vai tomar um banho, você já sente tanta coceira no corpo! É tanto problema que aparece nas pessoas que até foi isso que fez eu perder uma parte de meu pé! Que eu trabalho só nessa água né, vivo só no molhado, já estou praticamente inutilizado que eu não posso andar mais. Não ando, vivo tanto de problema, porque a gente depende dessa água pra sobreviver e pra beber, a gente bebe, a gente toma banho nessa água que é só poluição. E é muito problemas que eu vivo, eu principalmente, ando muito doente por causa disso. Antigamente não existia tanto problema como está dando agora, e muita coisa piorou muito pra gente aqui. Tem vezes que gente vai pra baía e não consegue mais comida pra sobreviver, não consegue arrumar o peixe. Agora estamos vivendo como diz o homem, do que Deus manda, quer dizer, o peixe, o açaí. Muita coisa tá acontecendo que não deveria estar acontecendo com a gente, se não tivesse essa empresa ai no Conde. Muitas coisas estão acontecendo de ruim, à água, a gente está proibido de tomar até o banho na água. É proibido tomar essa água, mas não tem jeito, é o jeito tomar essa água poluída que vem de lá. Aí ficou complicado a situação nossa, pra nós ribeirinho, muito complicado mesmo! Tem vezes que a gente vai pra baía traz um peixe, dois peixes, é disso ai que a gente tá vivendo. Eu sou pescador desde 5 anos, quando comecei a remar, eu sou pescador e desde disso, eu já vejo muita diferença. De primeiro você jogava uma rede na baía aqui, você puxava uma rede, era quantidade de peixe, agora você joga como numa canoa dessa, tem que rezar pra Deus, pra trazer a boia já de fora. Muita diferença mesmo! Quando aquele navio naufragou tinha dia que a gente saía pra fora não trazia nem um peixe, nenhum peixe de fora. Quem não tivesse comida pra comer, não comia, porque não arrumava comida. Muito problema tá acontecendo aqui com a gente, só sofrendo mesmo, quanto mais piorando, de um ano pra outro. O cara vê a diferença, em tudo, em tudo, principalmente o peixe e o açaí, a gente vê muita diferença nisso aí."

(Raimundo Carlos)

Comunitários do igarapé São José, apresentam mapa com suas alterações durante oficina de mapa em janeiro de 2019.

"Aqui a Igreja católica nos representa em nossas lutas e eu sou a coordenadora aqui na comunidade São José. Através da nossa paróquia das ilhas Nossa Senhora Rainha da Paz, da qual coordena todas as 72 comunidades que somos nas ilhas de Abaetetuba, aqui é uma delas, e a gente trabalha, não só a questão religiosa, mas também a gente trabalha né, se organiza no movimento social, afinal nós estamos travando uma luta ai contra esse grande empreendimento, que a Cargill quer fazer aqui, que nós estamos dentro dele, nossa comunidade principalmente que está dentro da área, e a gente está tentando resistir, ver de que maneira vamos impedir isso aqui, nos mobilizando, fazendo discussões, já fizemos várias manifestações, como o grito das águas lá no igarapé areia onde vai ser né, implantado esse porto e de lá, estamos mobilizados no movimento social né, através da nossa igreja católica né estamos fazemos discussões, protocolo de consulta, através da Convenção 169, pra ver como é que buscamos soluções, porque a gente sabe que certamente a gente não vai ter força pra impedir, mas pelo menos a gente vai tentar amenizar muitas coisas, tirar aquilo que é nosso por direito, pra gente não ficar também só com as mazelas, como aconteceu aqui com a Albrás e Alunorte, em Barcarena, só ficou pra nós aqui, só as mazelas! A gente está ai, o nosso peixe sumiu, o camarão sumiu, o nosso pescador vai pra baía e volta, não traz nem o alimento pra família, principalmente com esse naufrágio desse navio, que ainda continua lá no fundo, ainda jogando resíduo, poluindo o nosso meio ambiente. A gente sentiu um grande impacto, além disso, doença de pele que apareceu. Essa minha filha eu gastei muito, porque ela contraiu uma bactéria na pele. E a gente vem sofrendo várias coisas dessa grande poluição que é principalmente agora com esse vazamento da Hydro. Eles dizem que amenizou. Será que amenizou mesmo? Será que não continua? E a gente fica aqui a mercê, porque até mesmo a nossa água a gente consome do rio, porque a gente mora em área de várzea e não tem como cavar um poço né. Acredito que a nossa comunidade é uma das mais prejudicada. Todas são prejudicadas em termo de consumo de água, mas a nossa é mais, porque aonde é terra firme não, as pessoas constroem seus poços ali, já tem uma água melhor para consumir e a gente não. Agora que a gente ganhou um projeto do Salta Z, que é um projeto que tem um aparelho, que puxa a água do rio, ai a água vai para um filtro que é colocada o cloro e mais o composto de alumínio, tem os filtros para fazer a filtração e os equipamentos para a água do rio ficar própria para o nosso consumo."

(Maria Inês de Souza Costa)

Rota que os moradores do igarapé São José fazem para buscar água potável: saindo do igarapé, passa pela enseada da baía do Capim e entra no rio Xingu, onde tem poço. Croqui desenhado por Maria Inês.

O EFEITO DA POLUIÇÃO NA VIDA DOS COMUNITÁRIOS

"Eu vou falar sobre a água, o antes e o depois. Então, eu tentei demonstrar aqui no desenho, que antes a gente descia né, pegava a nossa água do rio né, era pura e saudável né a gente consumia de lá e não precisava ta se deslocando pra ir buscar água em outro lugar e o nosso rio também era cheio de peixes e o nosso verde era visível né, antes da nossa comunidade ser impactada né. E aqui a gente tá falando ainda aqui né, da Hydro Alunorte né que é o impacto no qual estamos já sofrendo e aqui embaixo eu coloquei hoje né, que hoje já não é mais assim. Eu moro por exemplo aqui, na entrada do rio Xingu, aí então a minha casa, eu saio daqui de rabeta, de rabudo, aí eu corro aqui essa beira da praia todinha, aí entra aqui nesse igarapé e chego até no final dele, pra pegar água do poço, lá eu vou pegar água do poço. E quanto nosso peixe, o nosso camarão, hoje já tá escasso, já não é como antes, que a gente tinha camarão suficiente. Então hoje a gente já vê que já tem uma escassez. Então mostrando no mapa ne, ou então quando fala comunidade Santo Afonso, isso aqui é um rio né, então eu saio daqui e corro toda essa costa aqui né, que é a praia pra entrar aqui no igarapé né, e vou lá no final né que fica já próximo do Piri, onde fica o nosso porto, de la a gente já sabe que o Piri já não fica muito longe, aí é lá que a gente vai buscar água pra poder consumir né. Então era essa a minha colocação sobre a água."

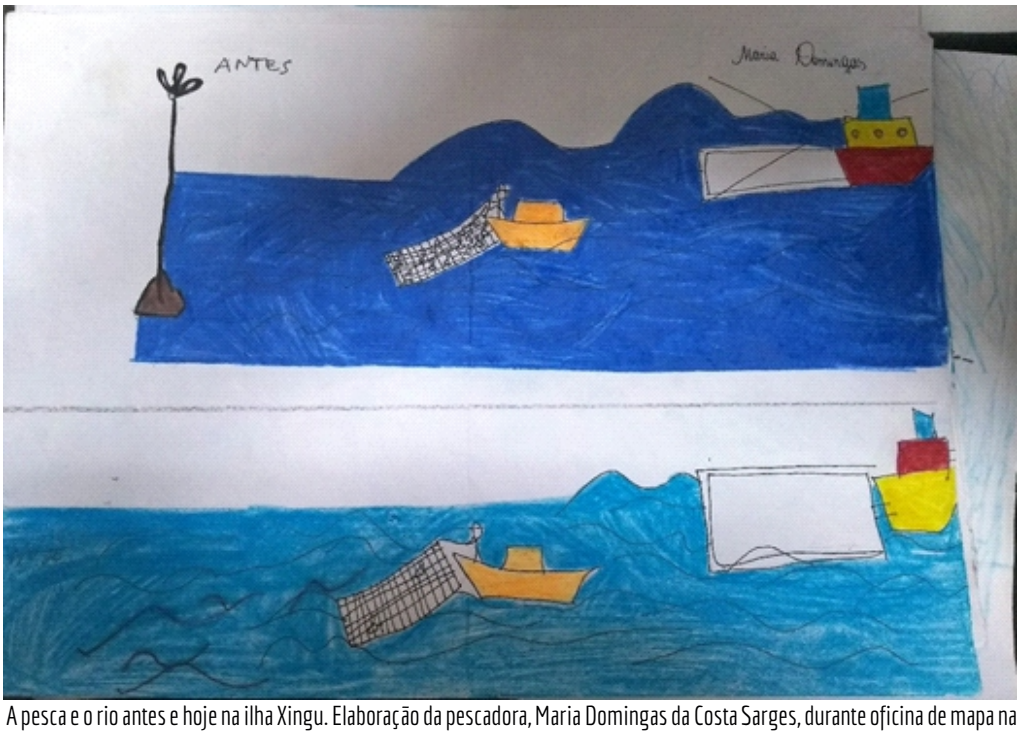
(Maria Inês de Souza Costa)

"O açaí já está praticamente acabando, acredito que é a poluição que sai das indústrias lá de Barcarena, porque é assim, conta a mamãe e as pessoas mais idosas do que eu, que antes, por exemplo, o açaí ele não secava como seca. A gente vê que hoje, esse final de safra teve uma perda muito grande do açaí, porque secou, no decorrer da safra inteira secou muito o açaí. Pessoas relatam, que cai a fruta da arvore muito cedo sem amadurecer."

(Andreia Cavalheiro)

"Hoje a gente depende da maré pra pegar água.A minha filha mora lá em Itupanema, então quando a gente vai lá pro igarapé, que tem um igarapé lindo, que tem um praião bonito, a gente passa por debaixo de uma ponte, aí tem uma ponte que vai o milho, uns grãos que vai pra embarcar no navio e tem uma que desembarca aquilo quando eles estão embarcando e desembarcando e parece cinzas, aquelas palhas que vai no ar, pra onde é que vai isso? Vem pra cá, um dia desse eu falei pra um cara, aí ele disse que não atinge, mas não que não atinge? Eu disse que atinge sim. E pra onde vai essas palhas? Aí eu acho que era tudo isso, porque antigamente não era assim, no tempo que eu vinha pra cá não era assim."

(Maria Domingas da Costa Sarges)



A pesca e o rio antes e hoje na ilha Xingu. Elaboração da pescadora, Maria Domingas da Costa Sarges, durante oficina de mapa na comunidade São José.

Maria Domingas da Costa Sarges, pescadora, da comunidade São José, apresenta legenda para o mapa.

"Aqui como eu já citei logo no começo do encontro, aqui é minha casa que fica de frente pra ilha do Capim, é aqui é a distância que a gente percorre pra ir buscar água lá na ilha do Capim e aqui antes de chegar na ilha do capim tem o Rio Urucurí que tá situado aqui, aqui no mapa e já faz parte da Cargill e a minha casa fica nessa direção aqui e é isso."

(Maria Marcela Silva da Costa)

"Meu nome é Jair, eu estou no sexto ano, estudo na Escola Santo Afonso do Xingu, eu tentei representar como é o dia de hoje, não deu para representar o passado, só fiz o dia de hoje aqui. Aqui é o dia de hoje, eu tentei demonstrar o que ainda existe, um bocadinho de cada, aqui o açaizeiro, mangueira, bacuri, aqui ainda existe umas mucura, preguiça, aqui madeira cerrada que já não tem muito, tão cerrando tudo, aqui eu demonstrei a balsa aqui, os barcos as vezes jogam óleo na água quando eles passa, aqui tem uma pescada, mapará que ainda existe, filhote, dourado e um cadinho de cada. Minha opinião, é que isso aí tá desmatando tudo a nossa natureza e a água está poluída. De primeiro, as vezes me lembro, que bebia água do igarapé e agora não bebo mais, porque tá mais poluída, água ficou mais escura depois que a empresa chegou."

(Jairlei dos Santos)

"Deu muita coceira, todo mundo pensava que era curuba, quando acaba era só coceira da água. [...] Não paramos de tomar banho no rio, porque não tem aonde tomar, porque a água que a gente pega no poço é pra beber, fazer comida, bater açaí, aí não dá pra tomar banho."

(Maria Domingas da Costa Sarges, pescadora, 53 anos)

"Olha na época, as áreas eram nossas. O SPU e o INCRA, nos deu título de uso, só que agora já não é, tem outro dono: o seu Cleber. Ele é não sei o que do Jatene, mas eles eram dois, esse Cleber veio uma ou duas vezes aqui, o Osvaldo vinha mais aqui. Acho que ele que era o dono, o Cleber só representava ele. Esse Cleber veio aí e o pessoal imprensou, queriam saber, mas ele se defendeu, disse não, que ele só queria fazer um sitio ai pra ele. Mas pra quê né? Se queria fazer um sitio, pra quê mandar fazer toda essa pesquisa aí, né? Aquela conversa só pra enganar o povo. Quem disse ele vai investir um enorme de um dinheiro desse só pra fazer um sitio sabe? Tem gente que foi vendido junto com o terreno, só ficou o lugar da casa, despôs que eles compraram isso, a gente não entra, mas lá, a gente não encosta, eu pelo menos, tem segurança né?"

(Clodoaldo Santos)

"Segundo um rapaz daqui que trabalhava lá né, eles faziam pesquisa com equipamento que fura a terra, iam pra dentro do mato, furavam em profundidade grande, tinha uma barca grande, iam pra dentro da baia ai, estão mapeando toda essa área aqui eles vão ali e vortavam, eles entravam no furo do capim e iam embora pra fora, eles estão mapeando essa área aqui sabe. As balsas que ficam aqui no ancorado trazem só desassossego pra gente aqui, é muito barulho de balsa sabe? Eles ficam batendo umas nas outras, só vendo! Agora veja né, tão querendo abrir mais o canal aqui, disseram que iam meter dinamite em cima dessas pedras aqui sabe? Tem muitas pedras ai né, principalmente no furo da capim. Por causa disso o povo foi pra cima dele. Ninguém faz nada pra ajuda o pobre só pra atrapalha a gente que tá quieto no nosso cantinho, é isso."

(Clodoaldo Santos)

QUILOMBOLAS DO ASSACU: AMEAÇAS E LUTAS PELO TERRITÓRIO (Comunidade Nossa Senhora do Bom Remédio)

"Aqui eu sempre vivi desde que me entendi, sendo que aqui eu me considero ribeirinha-quilombola, junto com todos aqui, porque aqui é nosso chão, aqui temos tudo, a roça, o peixe, o camarão, o açaí, o miriti, a bacaba e tudo que é fruta, de tudo a natureza e Deus nos dá. Somos um povo abençoado, porque vivemos bem aqui. Temos a escola para os nossos filhos, tem as igrejas uma católica e outras evangélicas, o povo se divide assim, tem o posto médico com os agentes de saúde, tem o lazer pra nós aqui nas festas, aqui fazemos a nossa vida, assim quieta mesmo, eu acho que aqui é assim que a gente vai se identificando uns com os outros aqui, então acho nunca deveríamos sair daqui né, porque tem o nosso umbigo enterrado, tem um pedaço de mim e de cada um que nasce aqui nessa terra. O governo quando nos deu o documento da nossa terra foi de uso coletivo, pra todos usar assim em comum com todos cada um respeitando o outro. Os nossos pesqueiros são coletivos, todos usam, nunca ninguém proibiu de pescar para o sustento de todos aqui. Agora de uns tempos pra cá, as comunidades são atingidas por naufrágios de navios e balsas carregados, isso é a perda do território, estamos sendo engolidos por um monstro que ninguém consegue ver a cara, o povo está doente, está comendo peixe contaminado, estamos bebendo água contaminada. Será que vamos sobreviver? Estão chegando pessoas no nosso meio, na comunidade que tem outros costumes e outra cultura. As comunidades passaram a ser monitoradas por esse tal de drone, por essas empresas que estão comprando os pedaços da ilha para fazer um grande porto, isso é uma realidade. Porque estão fazendo isso com nós? Estamos vivendo um tempo de abandono, a perda de direitos, parece que tudo é assim normal, ninguém parece ver que estamos correndo risco. Minha preocupação é como vamos ainda resistir aqui, a maioria do povo parece não ver, tenho minha preocupação com essas crianças, o que vai ser de nós se tirarem a gente daqui. Temos aqui nossa identidade ribeirinha-quilombola, mas parece que nem isso vale mais, eu estou muito preocupada com a nossa sobrevivência fora daqui, porque tão falando que se esse porto da Cargill for feito aqui, todos vamos embora daqui. Eu me preocupo muito com isso, já nem durmo mais direito, só vendo esses acontecimentos que não existia antes aqui no nosso meio."

(Rosicléia Silva Ferreira)

Reunião preparatória de oficina na comunidade quilombola, Bom Remédi.o, em junho de 2019.

"Eu estou aqui neste pedaço de terra e de água desde muito tempo, quando eu cheguei pra cá, faz mais ou menos, 50 anos atrás, e aqui era uma vida que a gente não sofria né. Colocava 30 matapi na maré; a gente enchia a canoa de camarão. A gente começava fritar 5 horas da manhã e ia terminar lá pra 10 horas, 11 horas do dia, com 30 matapi. E olhe o curral de pari, que a gente fazia!! O pari, era uma pesca que a gente fazia, 30 braça de pari eram 300 tainhas, trezentas e poucas que a gente pegava, fora os outros peixes né. Eu tinha linha de pesca com 60 anzóis e dava pra pegar 24 dourada, só douradão! Tirava pra boia da família, doava e levava o restante pra vender pro seu Deco: era piraíba filhote, muita coisa mesmo! Todos que podiam pescar, tinha espaço em todos de espinhel, de rede, de pari! Todos sabia dividir as áreas pra um não atrapalhar o outro. Agora tá essa situação ai que a gente não está mais podendo."

(Braz Lobo)

"À água ficou muito poluída com esses navios que atracam aí em Conde, que a gente sabe que é. Eles jogam muita coisa que polui a nossa água, essas balsas que atracam aí, esses empurrador que vem, a gente não sabe lá de onde vem, e até trazendo coisas de outros lugares, despejando na nossa baía, na nossa água, que vem poluir e a gente está sofrendo com isso: danos na saúde como: queda de cabelo, alergia, coceira e feridas no corpo, problemas no estomago e muitas outras coisas. O ar ,a gente acredita também que é dessa poluição das firmas aí do Conde, que vem trazendo problemas pra visão, que antes a gente não tinha tanto isso que hoje tem, muita dor de cabeça que as pessoas sentem, desde muito cedo, acabam que sofrendo com muita dor de cabeça, e muitas outras doenças, o câncer que está aparecendo que antes não tinha e gora, só aqui na nossa comunidade já faleceram muitas pessoas com câncer, principalmente no estômago. Eu tenho 45 anos, então até os meus 15 anos, a gente não tinha tanto isso não né, a gente vivia aqui tranqüilo, foi dos meus 15 pra cá, que começou a ter todos esses impactos ambientais aqui na comunidade. Até hoje a gente não recebe nada de benefício, que nos indenize pelas perdas, a gente não tem acompanhamento, não tem nada deles, não tem apoio de nem um deles, do Estado, da Prefeitura de nada aqui. São eles que estão destruindo o nosso meio ambiente, então acho que eles deviam nos recompensar com uma indenização pra que gente pudesse está trabalhando nas nossas terras. Esses grandes problemas ambientais que tem tido, e a gente não tem um acompanhamento deles, pelo menos minimizar o nosso sofrimento."

(Amiraldo Costa Figueiredo)

DIREITOS VIOLADOS

"A empresa do Malato nos procurou, ela sabia que nós estávamos a 10 km, é uma área quilombola e nós tínhamos que ser consultados, enquanto a Cargill que está mais próximo de nós não nos procurou pra nos consultar de alguma coisa."

(Rosalina dos Santos Teles)

"Agora temos de dividir a nossa baía aqui, com esses navio e as balsas, quando eles estão passando aqui, destroem todo nosso material, isso quando a gente não vai pro fundo ai fora. Os nossos pesqueiros que a gente contava: o Cabeça da Pedra, o Pesqueiro do Dente, o Quatro Horas, o do Gatinho, do Escapole, da Beira, da Croinha, do Mauí, eram muitos! A gente estava acostumado a pescar, mas ficou mais difícil agora. Olhe, a gente depende da maré aqui sabe? A gente senta o espinhel, por exemplo, na reponta, quando à água está começando a encher, e vai ver só na preamar, porque a bóia, ela senta, com a correnteza ela senta, ela bóia quando à água para, tanto na preamar quanto na reponta, só quando à água para. Aí a gente vai colher a linha,e conforme vai tardando a maré, vai tardando o horário também né. São diversos pesqueiros que tem, são diversos! Quando falha num lugar, a gente corre pra outro. Agora estão usando a rede de escora, eles estão usando. Ainda não usei isto, rede de arrasto, esse tipo de rede que a gente põe em cima d'água pra ir de bubuia, na maré né. A gente pega o mapará, a sarda, a pescada, os que andam mais por cima, isso quando os navios e as balsas não cortam nosso material. E essas empresas tão vendo a gente morrendo e nem sequer dão uma indenização pelas nossas perdas. Olhe agora já não tem mais o anzol, o pari acabou tudo, até os peixes tá acabando."

(Braz Lobo)

Senhor Edilson Costa e senhora Maria da Conceição, durante reunião com quilombolas da comunidade Bom Remédio, em junho de 2019.

OS GRANDES EMPREENDIMENTO E A AMEAÇA A AUTONOMIA E EFICIÊNCIA ALIMENTAR

"Eu me sinto assim, pois apesar de tudo tenho meus filhos e se nós saímos daqui para onde iremos? Porque eu não tenho um bom lugar pra mim ficar com meus filhos, as vezes meu marido vai pra fora e s vezes não defende da boia, ai eu me sinto não por causa de mim com ele, mas por causa dos meus filhos, porque como a gente é adulto ele sabe entender, mas uma criança não sabe né, porque chega àquela hora a criança pede, claro que a gente tem que dá, porque dói no coração da gente, principalmente pra quem tem filhos. Era isso que eu tinha de falar. "

(Dilvane Assunção)

"Aqui são as balsas. Quando elas chegaram aí, quando ela começou aí defronte do Xingu, só que elas mudaram pra ir pro Capim. E quando começou, muito peixe já, com milho na barriga:mapará, bacu, pescada. Exatamente! É que eles jogam, aí e os peixes se alimenta e come, aí a gente abre a barriga dele e vê que está cheio de milho, então é isso."

(Jairlei S. dos Santos)

"Eu só sei do tempo que eu trabalhava em roça, quando eu morava no Areia, eu trabalhava com roça, depois que eu vim pra cá eu passo a trabalhar com matapi, açaí, é só o que eu fazia aqui.Porque assim, uma que cidade pra mim morar mesmo, cidade pra mim é só pra passeio.Aí como diz aquele, quando não tenho o que comer , os meus vizinhos tenham as vezes eles me dão e não é todo dia que a gente tem, não adianta contar bafo, pavulagem, que não é todo dia que a gente tem com o que comprar e é isso. "

(Ita Assunção)

"Isso aqui é do tempo que eu pescava quando tinha muito peixe, tá aqui minha rede cheia de peixe. Aqui agora só um peixe, um navio, um açaizeiro, mas não temos açaí mais, não tem mais nada. Então somo mais prejudicado por causa desse navio aí, o furo do Capim pessoal de la são tudo prejudicado, muito prejudicado mesmo, o que eu tinha pra falar era isso.E que antigamente tinha muita caça né, as pessoas saíam para caçar, pegavam caça, eu me lembro. Eu vinha pra cá, ai a gente vinha pra casa dele lá, tinha muita caça! O avô dele matava muita caça lá, mas agora, o povo sai, mas é as vezes que mata uma caça, aí os homens tão acabando com a natureza. Olha, a minha opinião, que tá tudo mais difícil né, ta tudo mais difícil hoje em dia porque, o peixe, o camarão, a caça, não tem mais ne. Eu acho que é por causa desse negócio aí, porque os bichos tão se saindo fora. "

A senhora Ita Conceição, orienta os participantes a fazerem as legendas, durantes a oficina de mapas na comunidade São José.

(Maria Domingas da Costa Sarges)

"Eu vejo que quando a água foi contida lá pra banda de Tucuruí, para fazer aquela hidrelétrica lá, nos sentimos muito pra cá, ainda hoje a gente senti isso. Essa nossa água é a mesma água do rio Tocantins, que banha tudo, esse é o caminho de tudo que é lugar pra cá. O peixe anda nas marés de subida e descida né, aí quando mexeram, acabou aqui pra nós, não ficou mais como era antes. Agora pra pegar 5 quilos de camarão é preciso 100 matapi, pra pegar um pouco de sarda, de pescada precisa 4, 5 pano de rede esticado aí na baía. Agora, com toda essa idade, eu ainda preciso dar um duro pra sustentar minha família, criei meus filhos, 6 filhos e 3 filhas, tudo com pesca. Todos os meus filhos são pescador, e agora a gente tá preocupado não sabe o que pode fazer né, mas a confiança é em Deus, e a gente vai passando. "

(Ita Assunção)

Estacas da construção de cerca no igarapé São José.

"Aqui eu vivo desde que nasci da minha mãe. Aqui já foi bom pra nós, mas agora, nestes tempos não tá sendo mas não, muita coisa já sumiu né, não tem mais essa abundancia, como tinha, no tempo que eu, que eu me criei né, eu sou filho de pescador, minha mãe pescava, praticamente eu andava com minha mãe, quando ia pescar, ela já ia comigo no bucho andando né, era. Nós, fomos criados na pesca, praticamente já vou me aposentar, estou com 58 anos, já vou me aposentar. É uma questão, mas estamos sempre continuando na pesca, nasci vendo como é que se pescava, e sei como é que se pesca também aqui né. Nesse meio aqui, nascido e criado da pesca, comendo peixe né, esse peixe da maré que tinha em abundância: tainha, mapará, a pescada, a sarda, o filhote, tinha abundância! Muitas espécies de peixe já não existe mais: o mandubé açú, piracatinga, o piranderá, que tá sumindo, já sumiu; aruiri, que tinha em quantidade, entrava num igarapé desse. Olha o tamanho desse menino do meu filho ai, se você não fechasse o seu olho, o aruiri furava seu olho, até tinha uma ripa aqui de paxiuba, aqui que eu ia com meu filho né, pra ele próprio escutar, oque eu falo para ele. Papai, quando era vivo, nós morava bem ali, numa tapera que tem lá, ele botava vinte anzóis de lá do igarapé, de manhã ele ia tirar, puxaranzol, tava de anzol a anzol, o mandubé açu e piracatinga, dourada, filhote, tudo! Era peixe, até doer o dedo! Pescava, e não era filho né, era peixe! Hoje não existe, mas isto, não tem mais esse peixe, mas, por que? A poluição tá nos atingindo demais. O meu filho saiu hoje pra fora ali, quase com 20 pano de rede, ele deu duas redada e não trouxe um filho de peixe pra beira. Por que? Está acabando! A poluição que tá caindo aqui do Conde. E tão despejando aqui no rio, no rio Pará. Isso tá tudo nos prejudicando muito. Tá vendo como tá meu corpo dessa água? Agente não pode nem tomar o banho, isso aí, essa água daqui que nós não pode nem tomar um banho, prejudicando as crianças! Porque não é só eu, aqui no Assacu tão pedindo socorro também, o pessoal. Este peixe nosso tá sumindo, acabou, não tem! O Papai botava 20 anzol de espinhel aqui pra pegar piraíba, 20 anzol, era dois peixes. E agora? Você põe 300 anzol e não pega. Passa mês jejuando e não pega peixe. Acabou! Tá acabando tudo meu filho! No tempo quando eu me entendi aqui, que não tinha essa poluição do Conde, como tem agora né, papai comprava 10 matapi, era suficiente. Todo dia, ele preparava, fazia o viveiro, mamãe que fazia, porque era pescadora e sabia fazer. Sabia faze a rede, sabia tecer. Eu sei fazer, sei tecer, sei fazer tudo da rede, da pesca sei fazer tudo."

(João Assunção dos Santos)

"Porque quando me entendi, a pesca do camarão, quando chegava a safra..., aquele período dava mesmo, em quantidade. A gente pescava..., colocava o camarão no viveiro enchia, sempre a minha mãe o meu pai, tinha dois, três viveiros, a gente enchia de camarão, eu com a minha irmã mais velha, a gente pescava, eu tinha um viveiro só meu, a gente, quando tava cheio papai ia vender na cidade. Era muito camarão, mas agora é só na maré, quando dá a maré morta, ai dá aqueles dois três dias de camarão, as vezes nem chega dois três dias, é só no primeiro dia que dá e não é muito, é negócio de dois , três quilos, porque a gente usa uma base de 15 matapi, 10 matapis aqui, então é essa faixa que a gente pega. Antigamente não, a agente pegava até uns 15 quilos, 20 quilos por dia, por noite, porque a gente sentava a noite e ia buscar de manhã. E por outro lado também existia a pesca né, o meu avô materno era pescador, ele quando se estabeleceu nessa ilha aqui a profissão dele foi pescar. Ele entendia de música também, mas ele pescava, pescava muito! Praticamente a minha mãe viveu da pesca, assim como posso dizer, meu avô só pescava. Eu quando era menininho presenciei, naquele tempo existia muitas piraíbas, a sarda em grande quantidade, aí toda espécie de peixe, pescada! Meu avô pescava de 30 a 40 quilos por dia de peixe, quando ele matava paraíba, uma piraíba aí pra 80 a 100 quilos. Hoje não se pega mais nem da boia."

(Manoel Cavalheiro)

Reunião de oficina de mapa na comunidade Santo Afonso no rio Xingu. Foto: Nelson Bastos.

"Fico pensando quando essa empresa construir o pilar do porto aqui na nossa comunidade, como é que vamos ter acesso ao rio para pescar. Todas essas mudanças dessa nossa situação, foram os projetos de reclusa de água, quando começaram construir essas hidrelétricas, pra armazenar água... é começou a mudar esse nosso ciclo de peixe de camarão. Os vazamentos de produtos químico nas nossas águas das empresas de Barcarena, os navios que despejam a lavagem dos agrotóxicos da soja e do milho no rio, está assim aqui pra nós. Nós aqui pegamos água pra beber e cozinhar, os nosso alimentos do rio, o que acontece é que tem muitas famílias que tem a bomba, que puxam do rio pra dentro da caixa, e ai, como é o meu caso aqui, puxo do rio la pra caixa, deixo sentar, eu faço uma filtragem na minha água, mas tem muita gente que não faz. Eu uso a pedra filtro e bebo, mas muita gente não faz isso. Tá existindo muita compra e venda de água mineral agora, esses tempos, porque há esse boato que água tá contaminada com o vazamento das empresas de lá de Barcarena, todas as pessoas estão comprando água, inclusive eu trago em média 10 a 20 garrafões por dia para esses comerciantes que vendem água aí."

(Manoel Cavalheiro)

Amiraldo Figueiredo, professor do Ensino Médio, com alunos na escola Santo Afonso na 1ª. oficina de mapas, em 2018. Foto: Renato Barros.

"Aqui nós vivemos desde criança, sempre aprendendo a lidar com a natureza, mas não temos defesa contra tudo que essas empresas lá do Conde jogam na nossa água. Agora de uns tempos pra cá é essas barcas de soja. Ficamos todos desassossegados em nossas casas. Já não bastava as fábricas lá do Conde jogando fumaça dia e noite na gente. Somos atingidos de diversas maneiras: a quentura cada vez mais forte, as barcaças carregadas de soja e outros produtos que ficam fundeadas na beira do rio durante muitos dias e faz muito barulho, principalmente de noite. Os vazamentos dos produtos químico, combustível na água, o despejo de um tipo de produto que fica na areia formando uma imensa pasta preta que se espalha pelas beiradas dos rios e das praias."

(Amiraldo Costa Figueiredo)

"Quando os pescadores colocam as redes no mar, vem cheio deste produto tipo pasta na rede. Olhe estamos cada vez mais ilhados mesmo! Agora aqui estão vendendo grande parte das nossas terras para uma empresa americana de nome Cargill, que vai construir um porto aqui perto, eles estão prometendo que vão trazer energia aqui para nós e vai gerar muitos empregos, já tem até famílias brigando uma contra as outras por emprego. Aquelas que foram empregas na área de propriedade dessa empresa, estão até ameaçando aquelas que são contra a construção do porto aqui na nossa Ilha. Já estão até desmatando tudo com maquinas pesada, estão cercando até o igarapé Urucuri e o São José, onde moram em torno 30 a 40 famílias que estão praticamente tendo que deixar suas terras, ameaçados por pessoas que representam a empresa que quer construir um grande porto em nossa ilha, já começaram a cercar toda nossa valje, inclusive os braços de igarapé. A cerca ameaça os moradores da liberdade de usar o que tem na natureza, indo e vindo do mato e do rio para tirar o sustento da família. A cerca nos igarapés ameaça também a reprodução dos peixes que buscam fazer a desova no lago Piri no período da piracema e da cheia do lago no inverno. Eu vejo que as pessoas ficam muito divididas, não querem saber de nada, não percebem os problemas, inclusive com a poluição, a poluição dos nossos rios, até mesmo por nós né, moradores do rio, a gente não tem a total consciência de ter mais um cuidado com nosso lixo, por exemplo, e também com as outras coisas que poluem o nosso meio ambiente."

(Amiraldo Costa Figueiredo)

Comunidade Santo Afonso na Ilha Xingu, durante a oficina de mapas.Foto: Renato carvalho Barros.

O PATRIMÔNIO DOS PESCADORES E RIBEIRINHOS DO IGARAPÉ VILAR

"Aqui como patrimônio eu coloco tudo, tudoa nossa área, nosso pesqueiro, nosso bacurizal, que é da natureza. Se vê, parece que foi feito pela mão do homem, mas é um plantio da natureza, grelou. "

(Manoel de Souza Alves)

"Aqui como patrimônio eu coloco tudo, tudoa nossa área, nosso pesqueiro, nosso bacurizal, que é da natureza. Se vê, parece que foi feito pela mão do homem, mas é um plantio da natureza, grelou." Manoel de Souza Alves.
"Pra nós O Piri, além de ser um meio de sustentabilidade pra nossa comunidade, pra nós ele é um ponto turístico sobre a cultura da comunidade, a comunidade própria vai lá admirar é por isso que a gente não quer que o pessoal tome de conta dele, porque nós próprio já faz a nossa própria admiração pela paisagem que ele representa e pela importância que ele representa pra nós, além dele ser né, uma nascente que banha todos os nossos igarapé, então ainda, além dele ser um meio de sustentabilidade, ele representa isso pra nós, o nosso ponto turístico, é a nossa cidade, é o Piri, é tudo praticamente. Um dos nossos melhores pontos da nossa natureza é o Piri. "

(Dil Mayko Marinho Freitas)

"O Pirí desde quando nós nascemos tinha meu cunhado, ele dizia que o Pirí era uma fonte que dá de comer pra todo o pessoal no verão né, é a donde ele tem jacaré, tudo lá né. E também o Piri é que faz a fonte dos igarapés e tem os poços a donde é a cria dos peixes, que tem toda marca de peixe. Então quando dá a cria nos igarapés, que dá primeiro a cheia em janeiro, os peixes sobem todinho pra dentro desse igarapé, desse Piri, é lá que eles se criam, tudo quanto é marca de peixe e também que tem o jacaré, tem muito jacaré, tem sucuri grande aí. Tem três Piri, nos chama de pirizinho, Piri do meio e Piri grande que é o centro da ilha do Xingu, daqui Villar, dali do Assacu e do São José, esses três Piri são os centros dos igarapés, a donde os peixes vão se criar no inverno, aí que quando vai dar a cheia todo mundo vai pra lá, lancear, pegar os peixes. Toda marca de peixe, tem a pratinha que é um peixito assim, redondo, aí todo mundo vai tirar de lá, até o pessoal daqui do Assacu, Urubuéua, eles venham de lá por terra direto daí, passam o dia inteiro e a noite inteira lanceando pra pegar o peixe. Dá o acará, o acará branco, o acará roxo e acara folha que chamam, porque tem três marcas de acará e ainda dá a trarieira, o jiju, da tudo quanto é marca de peixe até Curimatá já deu aí nesse Piri grande, muito Curimatá tem aí. O camarão até agora já está dando, camarão esse ano deu lá. O Piri representa pra mim, algo muito lindo que nós temos né, dentro desse centro que ninguém valia que é o Piri, porque o Piri grande ele é grande mesmo, é muito grande, só o piri grande tem mais de 20 poços e olhe todo mundo vai lá lancear. SE o Piri sumisse eu ia me sentir triste, porque é de lá que a gente tira o sustento, a gente vai lá fácil e trás, porque tem tudo quanto é marca de peixe. O meu cunhado dizia que aí uma vez, os americanos botaram um aparelho la na praia do pacoval e apareceu que tem uma mina de petróleo aqui no piri, e aí a gente diz que estão querendo nos tirar né, que com certeza deve tá maduro já, eles sempre falavam. E ainda tinha o cacuri, no tempo do inverno, que dá a primeira cheia eles faziam o cacuri lá nas cabeceiras e lá nesse cacuri era o dia inteiro tirar peixe de lá. "

(Manoel de Souza Alves)

"O cacuri é a donde a gente faz a roda, coloca a boca e entra pra dentro do cacuri, agora não se faz mais, já faz uns 10 anos por aí, porque agora já tem a rede de malhar, pra pegar o peixe. No tempo da tapagem tinha o pari, pra gente não existia rede de malhar, essa beirada quem teve rede de malhar primeiro, foi o meu tio na beirada do rio Moju, 20 metros de rede, pegava bóia pra todo mundo nessa beirada. Agora todo mundo tem malhadeira. "

(Pedro Alcântara)

"Aí quando eles vieram que fizeram a coisa ilegal, disseram que só tinha três espécies de peixe e que não tinha pescador, que não mora ninguém, isso não pode, aí hoje eu estou alegre de ter a oportunidade de esta aqui com vocês e poder fazer esse coisa que é pra nos ajudar. "

(Manoel de Souza Alves)

"Tem uma ligação espiritual com a gente aqui, é a nossa própria vida, posso dizer que nossa várzea significa nosso território de vida e de morte, mas nossa relação com esse patrimônio natural, sempre foi muito harmoniosa, nunca foi uma relação de exploração, vamos dizer assim, então as pessoas tem o seu trabalho, mas eles tem que preservar né, na questão da preservação, tanto que por exemplo, esse lago Pirí é um exemplo né, que jamais poderá se tornar propriedade individual de ninguém, porque todos se utilizam de maneira comum dos recursos que existe dentro do lago ou no entorno do lago, por isso ele é preservado né, a gente vê há uma harmonia muito grande entre o ser humano com esse meio ambiente aqui, com essa nossa área aqui, então a gente não tem uma exploração e sim uma relação né, uma relação de interação e integração entre natureza e ser humano, se acontecer um desequilíbrio na natureza a vida de ambos fica ameaçada. "

(Amiraldo Costa Figueiredo)

POR QUE O MAPA?

"Então a gente está aqui com essa intenção e a finalidade nós trabalhar com o mapa, com a cartografia é porque nós não temos um mapa nosso específico, detalhado, então esse trabalho que vamos fazer aqui é de suma importância, porque vai ser uma ferramenta a mais que nós vamos ter. "

(Edilson da conceição Correa C. da Costa)

"Essa cartografia vai nos ajudar muito, porque ontem se eu tenho um documento e ela (a balsa) leva a minha rede, eu ia lá! Ela passou por cima da minha rede, levou todinho as bóias, partiu tudinho a rede. Aí eu falei com o comandante ele só fez assim ó (faz gesto de quem dá de ombros), aí a gente não pode fazer nada, né? O nome da firma dessa balsa é Dragon, fica no Furo do Arrozal. E se eu tenho um documento, se tá batido o ponto de GPS, como eu falei, se tá registrado o documento, a gente tira uma foto dela passando ou então pega a testemunha que tiver lá, porque tinha vários pescador lá, até meu irmão tava lá e chegava junto com ela e dizia, 'vocês não podem passar fora do canal'. Porque uma balsa dessa vai arrancando a areia, né, porque dá sete, oito braças, aí ela raspa até a areia. Aí pode passar numa área dessa? Se eles bem pensassem, não pode, porque a área é nossa, é área do pescador. "

(Dil Lércio Marinho Freitas)

"Nós estamos pagando um preço alto aqui no sítio, antes a gente vivia em paz, sem poluição hoje somos perturbados de diversas maneiras: a quentura cada vez mais forte, as barcaças que ficam fundeadas na beira do rio e faz muito barulho, principalmente de noite. Os vazamentos de produtos químico e combustível na água, o despejo de um tipo de produto que fica na areia formando uma imensa pasta preta que se espalha pelas beirada do rio. Quando os pescadores colocam as redes no mar, vem cheio deste produto tipo pasta na rede. A venda das nossas terras para uma empresa grande agora, parece que o nome é Cargill, que vai construir um porto aqui perto, estão até prometendo trazer energia elétrica para nós aqui. Já estão desmatando tudo com máquinas pesadas, estão cercando até o igarapé Urucuri onde os peixes passam para fazer a desova no lago Piri. "

(Manoel. L. Cavalheiro)

Os Pescadores Pedro Alcântara (à esquerda) e Dil Lércio Freitas indicam no mapa os locais de pesca no lago Piri, durante oficina de mapeamento em julho de 2009.

"Essas balsas ficam dentro do Furo do Arrozal. Destruíram uma parte lá, porque a população funciona assim: para muitos, o dinheiro fala mais alto. Aí, eles fazem um agrado com a aquela mixaria. Mas a gente que tem conhecimento, que vai lá na baía, que vive da pesca, que conhece uma vida, que quer a melhoria pra crianças e pra população da comunidade, ele busca primeiramente Deus e busca força com gente como vocês, que é pra lutar, porque é bem pouco que entra nessa luta. "

(Dil Lércio Marinho Freitas)

O TUP DA LOUIS DREYFUS COMPANY (LDC) NA ENSEADA DO MALATO

Área de influência: Ribeirinhos dos rios Araraiama, Paruru-Açu e Urinduba.

Escola de Ensino Fundamental na área do terreno, onde a LDC irá construir o TUP. Foto: Eliana Teles

Logo abaixo, parte da estrutura de concreto para a construção do empreendimento na Enseada do Malato. Foto: Eliana Teles

Próximo a escola, encontra-se o cemitério, onde os ribeirinhos das ilhas Capim. Foto: Eliana Teles

"Aqui (Rio Araraiama)(tem umas 40 e pouca famílias. Tem uns que querem, outros que não quer. Tem outros que esperam que traga ao menos emprego, eles prometeram, né. É destocar pau, quando eles fizerem isso aí. Eu assim, porque aqui, bem dizer, não tem gente formado e eles vão querer que seja formado né, emprega cinco mês, seis, acabou.[...] Eles vieram aqui explicar, né, trouxeram aquela empresa instituo Gabiru....é Piabiru, eles vieram aqui. Porque a comunidade tá meio falida né, não tem uma sede. Pois é, essa empresa comprou duas áreas de terra, a maior é essa daqui, que pega da boca do rio e chega até a Ponta do Malato, tem uns números nuns paus lá, tem lá as cotas. Tem uma escola, né? Pega daquela escola pra baixo, vai mais lá embaixo, É, aqui é só pra jogar as balsas, ainda entra uns 200 metros. "

(José Alexandre)

"A discriminação sempre foi grande pra nós. Na primeira Lei de Cotas nós não pudemos entrar porque não tínhamos terra, era proibido negro ter terra e ficávamos fora do sistema, como sempre estivemos, mas nós sempre tivemos, o que acontece é que aquela lei da escravatura nos deu 'liberdade', mas não dignidade e nós passamos de dominados para excluídos. Mas por conta de muita luta estamos aqui hoje. Temos uma comunidade titulada, regularizada e a nossa finalidade aqui é nos unir, se juntar para resistir as ameaças que estão aí". E acrescentou: "Então a gente está aqui com essa intenção e a finalidade nós trabalhar com o mapa, com a cartografia é porque nós não temos um mapa nosso específico, detalhado, então esse trabalho que vamos fazer aqui é de suma importância, porque vai ser uma ferramenta a mais que nós vamos ter."

(Edilson da Conceição Correa C. da Costa)

"Muita gente, muitos grupos vêm aqui dizendo que são pesquisadores, inclusive veio um que até sabia o meu nome e quando foi na reunião, eu vi, tinha minha foto no lado de gente da empresa". Ao se referir a importância do mapeamento, ela diz: "é importante a gente conhecer o nosso território, porque assim a gente sabe como se defender. E nós não estamos parados, não. Já teve várias vezes "Grito das Águas" e nós estamos lá; quando tem reunião Câmara, nós estamos lá; pode até não resolver, mas o nosso grito nós deixamos lá e nós estamos aqui pra lutar; não vamos deixar ninguém invadir nosso território, sem que a gente faça alguma coisa, porque nós somos filhos dessa terra."

(Márcia Trindade)

Freteiro, embarcação que faz a travessia entre as ilha e a cidade de Abaetetuba.

CRONOLOGIA DOS ACIDENTES COM POLUENTES PARA O LEITO DO RIO PARÁ E SEUS AFLUENTES

Nº	FATO	PRODUTO	QNTD	ANO
01	Naufrágio Balsa Miss Rondônia	Óleo BPF	2.000.000 L	2000
02	Derramamento no rio Pará	Coque (Carvão mineral)	100 Kg	2002
03	Vazamento de grande proporção	Lama vermelha de Bacias de rejeitos		2003
04	Chuva de fuligem	Material particulado com coloração preta		2003
05	Vazamento de grande proporção	Material das bacias de rejeitos		2004
06	Fenômeno de "floração de algas"	Não conhecido		2006
07	Vazamento de material das bacias	Rejeitos		2006
08	Vazamento de grande proporção até o rio	Rejeitos		2007
09	Grande mortalidade de peixes			2007
10	Grande vazamento da área da Petrobras	Óleo		2008
11	Naufrágio do rebocador JEANY GLALON XXXII	Óleo	30.000 L	2008
12	Acidente ambiental	Lama vermelha		2009
13	Ocorrência de fenômeno	Nuvem de fuligem		2010
14	Rompimento de duto	Efluentes ácidos		2011
15	Vazamento de material das bacias	Rejeitos		2012
16	Grande vazamento	Rejeito		2014
17	Naufrágio no leito do porto de Vila do Conde	Bois vivos	Centenas	2015
18	Vazamento de grandes proporções	Lama vermelha		2017

Fonte: Ministério Público Federal, 2015.

"Atualmente é só a igreja, que a gente pode contar para nossa mobilização, formação através da pastoral social da igreja, para a gente conhecer nossos direitos, como a convenção 169 por exemplo. A gente tinha uma grande força antes com as associações dos PAE, do assentamento, que era uma grande força que a gente tinha, mas infelizmente está tudo parado os pescadores como também as suas entidades, a colônia Z -14, também fechou a boca, não faz nada, não age nada nem movimenta os pescadores para buscar seus direitos. A colônia dos pescadores só visa o seguro e nada mais, não tem assim uma ação, que movimenta assim com os pescadores pra ir em busca de melhoria para o pescador, elaborar projetos para beneficiar o pescador. A gente não tem nada só visa mesmo o seguro defeso. Porque essa área pra nós aqui é tudo é a nossa vida, porque é daqui que a gente tira o nosso sustento o nosso alimento né. A maioria do povo vive do açaí, quando é na safra, e quando acaba o açaí, eles vivem da pesca, vivem somente da pesca pra comer e pra vender um pouco pra suprir a necessidade de sua família. Eu vejo assim né, mesmo com tanta poluição, ainda tem nas áreas altas a floresta intacta, o desmatamento é só nas partes baixas para o plantio do açaí, existe ainda a caça, o camarão, o peixe, pouco, mas existe. A gente ainda consegue arrumar para o nosso alimento, pra se alimentar e agente perdendo isso aqui, não sei né. É por isso nossa preocupação com o grande empreendimento. Aí as pessoas dizem assim: vocês não vão poder sobreviver mais aqui, nem que vocês digam 'nós não vamos, ninguém sai, nós não vamos sair da nossa terra, mas vai chegar o momento, no caso, se vier coisas ruim', a gente não pode suportar né, e ter que ir pra onde? A nossa grande luta, nossa preocupação é essa, se esse povo não pode viver mais aqui, vai pra onde? Pra periferia da cidade? Vai comer o que? Vai sobreviver de quê? Qual o futuro vai ser dos nossos jovens, dos nossos adolescentes? Vão virar bandido, vão virar ladrão e tudo isso que a gente vê na periferia da cidade, pessoas que não tem onde estudar, não tem onde trabalhar, não tem onde ganhar nada. O que ele vai fazer? Vai roubar. Aí essa é nossa grande preocupação."

(Maria Inês de Souza Costa)

"Eu, me entendi vendo a importância da igreja católica aqui, a paróquia das ilhas buscando sempre nossa organização enquanto povo. Aqui também os pescadores se organizam através da colônia de pescadores, que tem muitos pescadores associados, o sindicato dos trabalhadores rurais e tem também a igreja católica. A maioria faz parte da igreja católica né, agente de uns tempos pra cá se organiza se junta nas mobilizações e vai em busca das políticas públicas que é nosso direito. O seu Manoel Santana coordenador da comunidade, é uma pessoa que nos representa, na luta contra esses grandes projetos que nos ameaçam, acredito que a maior organização seja da igreja católica. Existe também, as associações dos PAE, que está junto ao INCRA, para reivindicar nossos direitos, que nos faz sentir que somos ribeirinhos é por isso, que somos identificados como ribeirinhos. Mas mesmo assim sinto que somos prejudicados por muita coisa aqui. Porque a organização aqui é mais pela comunidade católica e não pelo povo. Aí parece que a coisa é individual de cada um, por exemplo, o açaizal cada um tem seu pedaço né, cada um tem uma área que cuida, né do açaizal por exemplo, agora o pescado não, todo mundo pesca no rio, sem ter área de ninguém né. Por exemplo, para tirar a madeira há um certo cuidado, porque temos à área de fazer roça e a área de tirar a madeira, cada qual tem que preservar a mata se não vai acabar."

(Andreia Cavalheiro)

"Nossa organização não tem ainda uma força total, pra está lutando contra estes grandes problemas que vem. Só um grupo se organiza para ir lutar pelos nossos direitos, a maioria do povo ainda não se conscientizou a lutar de verdade pelos nossos direitos. Tem também as organizações que estão nos apoiando, mais ligado a igreja católica, através da paróquia das ilhas Nossa Senhora Rainha da Paz, mas as organizações que deveriam estar nos apoiando, ainda não deram uma força total pra gente, as organizações está meio que tumultuado né, as organizações dos movimento sociais, que é o sindicato do trabalhadores rurais, da colônia, assentamentos; ai fica assim um pouco dividido, ainda não se juntou tudo pra lutar por um só objetivo. Porque eu vejo que existe muita briga por poder nas nossas entidades e quanto mais briga, mais a gente se divide, até as ilhas foram dívidas pelo INCRA, com esses problemas."

(Amiraldo Costa Figueiredo)

"Olhe, a primeira coisa que eu queria, era que não tivesse sido dividido, porque o INCRA quando entrou achou melhor nos dividir por ilha, dizendo que isso ia facilitar pra nós, mas foi o contrário, acho que foi mais para agradar os interesses de grupos políticos, que disputavam o controle do assentamento. Nós éramos tudo junto, antes da organização do assentamento, ai então uma coisa assim que, veio o assentamento e nos dividiu por ilha, enquanto que a ilha Xingu, ficou separada pelo rio da ilha Caripetuba. De um lado de nosso rio fica a ilha Xingu e de outro lado, a ilha Caripetuba, então, sendo que a ilha Xingu ela é pelo MORIVA e a ilha Caripetuba é pelo Sindicato e essa divisão não foi boa, porque há um desentendimento entre essas duas entidades que nos representa. O que eu queria era que eles se unissem para lutar pela gente, porque se continuarem desunidas tudo aquilo que já conquistamos, pelas nossas lutas, podem desaparecer junto com nossas organizações. E nossos filhos, nossos netos não vão ver, nem saber tudo que a gente tinha de bom aqui. Como eles vão viver aqui?"

(Amiraldo Costa Figueiredo)

AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA TRATAR DOS GRANDES PROJETOS EM ABAETETUBA

Audiência pública sobre o TUP Abaetetuba na Câmara de Vereadores.
Fonte: Pesquisa de campo. Foto: Nelson Bastos (2019).

"Marcar o território e afirmar a identidade."

"Ninguém tem que decidir por nós, nós temos autonomia pra dizer o que temos e o que queremos. Nós queremos o território para todos e não privado, como quer a Cargill."

(Antônio Azevedo da Costa)

"Estamos vendidos sem o nosso consentimento.
Cadê a nossa tranqüilidade?"

(Maria das Graças, Rio Urubuéua)

Audiência pública na câmara de vereadores de Abaetetuba sobre TUP Abaetetuba.Foto:Nelson Bastos (2019).
Foto: Eliana Teles

AS FAZEDEIRAS DE CUIAS DAS ILHAS DE ABAETETUBA

MÃOS DE MULHERES QUE RASPAM CUIAS

(ZOZIMA Santos Ribeiro)

Com a ajuda das mãos chegamos ao mundo
Na margem, num braço do rio quianduba
Nossa mãe nos deu a arte da cuia com amor profundo
Trabalho invisivel das ilhas de abaetetuba

Nossa mãe herdou de nossa avó a parte de raspar cuia
Que até hoje da nosso sustento no quianduba.
Quianduba é o rio de nossa morada, onde fazemos gapuia
Com as mãos que raspam cuia.
Raspar cuia é dom herdado das mulheres do igarapé açú
Do lariandeua, furo efigenia e quianduba

Nossa arte é invisivel, por isso resiste igual as cuieiras.
De galho em galho, com nossas mãos replantamos o cuial
As cuieiras são arvores que resistem aos tempos
Vemos a flor brotar, crescer, amadurecer

Se transformar em cuia inteira redonda
Chamamos de cuia em rólo cada duzia colhida.

Cada rólo dá duas duzias de cuia pronta;
Serramos, desbuchamos e raspamos, fazemos a fita, aprumamos e pintamos

Os homens tiram a casca do cumatë nas mata
O cumate é batido e transformado em bagaço de tinta
O cumatë vem das mata do centro dos quilombos,
É com o cumatë liquido que fazemos a pinta
Vermelho e viscoso como sangue, que tinge a cuia por dentro e por fora.

Fazemos a cama com cinza boa e arumã maduro,
folha de aninga, palha e plastico, arrumamos o pretador com as cuia no vapor
Abafa o pretador depois de 24 horasa cuia é preto puro
Cuia pronta, preta, carequinha, média, grande e pitinga feitas com amor
E passa de nossas mãos para as mãos do atravessador
Chega ao ver-o-peso e ganha o mundo e as esquinas do tacacá.
A cuia nos dá vida, nos ajuda a esquecer a dor
A cuia é o saber que herdamos de nossa mãe, avó, bisavó da antiguidade
Por isso enquanto tiver o cuial no chão de nosso rio
A cuia é presente de deus e a fé resiste nas mãos da felicidade.

Fazedeiras de cuias da ilha Quianduba, na primeira oficina em setembro de 2017.

Foto: Marinês de Maria Ribeiro.

Fazedeiras de cuias da ilha Quianduba, acompsnhadas de seus familiares, durante oficina no Clube das Mães, em maio de 2018.

Fazedeiras de cuias da ilha Xingu, durante oficina, em, agosto de 2018.
Foto: Eliana Teles

BOLETIM INFORMATIVO

Estratégias de desenvolvimentos, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado

1. Boletim Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense.
2. Ribeirinhos, Pescadores e Pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu-Pae Santo Afonso: Território e Resistência de Nossas Origens.
3. Boletim Informativo dos Povos Indígenas do Vale do Javari.
4. Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua Foz no Rio Pará, ao Sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades Tradicionais na Rota dos Grandes Empreendimentos, no Pará.

Financiamento: Climate and Land Use Alliance

Realização: PNCSA Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UFPA Universidade Federal do Pará; Fadecam Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo; PPGCITI

Apoio: Universidade Estadual do Maranhão; PPGCSPA Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia